

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

CENTRO DE ESTUDOS LATINO AMERICANO SOBRE CULTURA E COMUNICAÇÃO
CELACC

Lazer em espaços público

Estudo de Caso: São Paulo

Aluna: Gizele de Melo Kitani

Orientador: Prof. Danilo Oliveira

São Paulo

2014

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar o panorama da utilização do espaço público para lazer em São Paulo a partir de referenciais teóricos. Será primeiramente contextualizada a formação do espaço público da cidade de São Paulo a fim de compreender seu uso pela população. A partir deste contexto será conceituado o conceito de lazer e analisada sua relação com o trabalho.

Uma vez contextualizada a cidade de São Paulo, desde sua formação, e pontuado o conceito de lazer, serão apresentados os atuais movimentos de apropriação do espaço público para o lazer. Desta forma, este artigo espera embasar e iniciar um debate a respeito da relação que a população está tentando criar com o espaço público e seu intuito.

Palavras-chave: espaço público, lazer, trabalho, São Paulo

Resumen

Esta investigación tiene por finalidad analizar el panorama de la utilización del espacio público para la recreación en São Paulo fundamentada en los marcos teóricos. En primer lugar será contextualizada la formación del espacio público en São Paulo (San Pablo) con el fin de comprender su uso por la población. Desde este contexto se concibe el concepto de ocio y analiza su relación con el trabajo. Tras contextualizada la ciudad de São Paulo, desde su formación, y puntuado el concepto de ocio, serán presentados los movimientos actuales de apropiación del espacio público para el ocio. Por lo tanto, este artículo pretende basar e iniciar un debate acerca de la relación que la población ententa crear con el espacio público y su objetivo.

Palabras-claves: espacio público, ocio, trabajo, São Paulo

Abstract

This work aims to analyze the use of public space for recreation in Sao Paulo using theoretical framework. First, the formation of public space in São Paulo will be contextualized in order to understand its use by the population. Then, it'll be determined the concept of leisure and analyzed its association to work. Once established the formation of São Paulo and the concepts of leisure, these themes will be related to the current movements of appropriation of public space for leisure in São Paulo. Thus, this article hopes to base and start a debate about the relationship that people are trying to create with the public space and its purpose.

Key words: espacio público, ocio, trabajo, São Paulo

1. Introdução

A cidade de São Paulo é reconhecida por seu potencial cooperativo e comercial, representando uma das principais capitais financeiras do país. Seu crescimento e prosperidade levou a migração de habitantes de diferentes cidades e Estados, de forma a tornar a capital paulista uma das cidades mais populosas do planeta. Este desenvolvimento rápido e constante fez com que a cidade crescesse de forma desordenada. Assim, a urbanização de São Paulo se desenvolveu de forma desumana, priorizando espaços privados, destinando espaços públicos apenas para o tráfego e desumanizando o ambiente da cidade.

A formação urbana da cidade, o uso de seus espaços e a cultura criada a partir deste uso causou a exaustão do paulistano. Este agora não consegue se identificar e se firmar em seu espaço, que está sendo cada vez mais tomado por construções e vias de acesso. Como consequência, iniciativas têm surgido por meio de organizações populares com o intuito de apoderar o morador de sua cidade. Por meio de sistemas colaborativos, a população tem conseguido criar alternativas de lazer para que o paulistano aproveite o espaço disponível em uma das maiores cidades do Brasil.

O crescimento destes movimentos sensibilizou a Prefeitura Municipal a revisar suas políticas de forma a atender às necessidades e expectativas dos cidadãos de São Paulo. Assim sendo, políticas de incentivo e apoio do uso do espaço público têm sido criadas, regularizando novos usos e significados para seus moradores.

Tendo este vista o cenário atual, pouco foi estudado a respeito da apropriação do espaço público para lazer em São Paulo, principalmente devido ao fato desta discussão ter se iniciado recentemente. Desta forma, o presente artigo tem como intuito fazer um levantamento bibliográfico do assunto, cruzando elementos teóricos com dados atuais da cidade de São Paulo.

Para elaboração deste artigo será necessário, primeiramente, conceituar as temáticas abordadas. Portanto, este será iniciado com uma breve conceituação e contextualização sobre espaço público. Em seguida, para compreender melhor a relação entre o morador com o espaço, será apresentado um histórico do processo da formação urbana da cidade de São Paulo. Neste item o leitor poderá verificar a relação do espaço com o homem, sendo identificado principalmente seu vínculo com o trabalho. Uma vez compreendida a

relação do paulistano com a cidade, serão conceituadas a temáticas de cultura e lazer e para introdução do cenário atual.

1.1. Objetivo Geral:

Analisar o panorama utilização do espaço público para lazer em São Paulo a partir de referenciais teóricos

1.2. Objetivos Específicos:

- 1) Conceituar as temáticas de cultura e lazer mediante ao uso de espaço público;
- 2) Pontuar acontecimentos atuais que embasam a necessidade desta discussão;
- 3) Colaborar para reflexão a respeito da apropriação do espaço público para o lazer.

1.3. Metodologia:

O presente artigo foi produzido a partir de estudos de gabinete a respeito de definições e conceitos, bem como para o levantamento histórico do uso para lazer de espaços públicos. Também foi realizada uma pesquisa secundária principalmente em jornais e revistas que evidenciem ações populares de apropriação do espaço público.

2. A Construção do Espaço

2.1. Espaço Público

A formação de uma cidade influencia diretamente o estilo de vida de sua população, bem como a relação desta com o espaço. Este espaço não é considerado apenas geograficamente por sua dimensão e características territoriais, mas também pelas relações estabelecidas entre o meio e o homem. Assim, esta relação acontece não somente das ações do homem no ambiente, mas também da influência do ambiente no homem. Para SANTOS (1996) o espaço constitui “*um sistema de objetos e um sistema de ações*”, no qual o sistema de objetos pode ser considerado as forças produtivas do ambiente e o sistema de ações as relações sociais produzidas por este espaço.

O conceito de espaço público vem desde as Cidades-Estado gregas (pólis) e suas ágoras. As ágoras configuravam-se como espaços públicos livres de edificações utilizadas para questões políticas e culturais, representando o local para exercício da cidadania.

Desta forma, a cidade representa o lugar de maior concentração do vigor e da cultura de uma sociedade, congregando um conjunto diversificado de relações sociais. A diversidade sociocultural é intensificada na vida urbana, uma vez que esta reúne funções comerciais, políticas, culturais e sociais.

Os centros tradicionais pré-industriais configuravam-se como espaços de vivência por meio das praças. No entanto, para Sitte (1992), o crescimento das cidades após a Revolução Industrial desconfigurou o traçado urbano de forma a desumanizar seus espaços públicos.

A partir do século XX, o traçado urbano modificou-se para priorizar a funcionalidade, a segmentação e a especialização. A mobilidade é favorecida no desenvolvimento da cidade por seu poder de produção em detrimento do repouso (SANTOS, 1996). O espaço foi integrado através de rodovias, a fim de incentivar a circulação motorizada.

Assim, a formação de cidades se deu, inicialmente, para favorecer o encontro de grupos sociais diversos com propósitos variados, entretanto, com o avançar do anos, a configuração da cidade alterou-se a fim de atender objetivos práticos.

2.2. Formação Urbana da cidade de São Paulo

Para compreender a relação estabelecida entre a cidade de São Paulo e seus moradores, será feita uma retrospectiva história de seu processo de formação urbana.

O processo de urbanização da cidade de São Paulo iniciou em um passado recente em paralelo ao seu desenvolvimento industrial. A grande demanda por mão de obra na atividade industrial diversificou o quadro social da cidade de São Paulo, que agora era composto por proprietários, comerciantes, mulheres, crianças, negros e imigrantes estrangeiros. A presença destes novos atores sociais fez com que o poder público segregasse as classes mais pobres para espaços circunscritos, com ações “saneadoras”.

Geralmente as fábricas ofereciam moradia aos trabalhadores como parte do pagamento, o que deu origem às vilas operárias nas terras baixas da cidade, ao longo das ferrovias. A partir do início do século XX, a concentração urbana no entorno das fábricas deixou de existir. Com a substituição dos bondes por trens a locomoção pela cidade se expandiu, assim como a localização de seus serviços. Assim, as fábricas mudaram para beira de autoestradas, tais como: Dutra e Anchieta. E, por consequência, as moradias migraram para regiões suburbanas e rurais de São Paulo. Essas novas habitações caracterizavam-se por casas próprias construídas de forma comunitária em lotes adquiridos em regiões periféricas, desprovidas de infraestrutura básica como luz, água e esgoto, os quais essa população teria que reivindicar junto ao poder público. Estas mudanças estão diretamente ligadas à especulação imobiliária, que passou a direcionar o crescimento da cidade, expandindo fronteiras urbanas a partir do investimento privado.

Paralelamente, o centro de São Paulo, sofreu um processo gradativo de deterioração urbana. Até então, esta era uma região de elite devido à concentração de empreendimentos comerciais e por seu caráter boêmio. A presença de grandes lojas de departamento como a antiga Mappin e, de artistas e intelectuais nos bares e livrarias definiam a composição dos usuários do centro tradicional. O afastamento de seus moradores para outros bairros causou a queda de seu uso habitacional, o que acabou por aumentar o número de pequenos comércios informais, cortiços, violência urbana, prostituição, miséria, entre outros.

Para o antropólogo Claude Lévi-Strauss (1981) *“As cidades do Novo Mundo vivem febrilmente uma doença crônica: eternamente jovens, nunca são todavia saudáveis/... são construídas para poderem renovar-se com a mesma velocidade com que foram erguidas, isto é, mal nelas viver-se ia ... a passagem dos anos como degradação”*. De acordo com o autor, São Paulo é regida por mudanças em velocidade excepcional, o que fortalece a faceta de degradação.

A partir dos anos 30, o desenvolvimento urbano da cidade se deu pela entrada maciça de migrantes nacionais, principalmente da região nordeste do país, acarretando em um inchaço populacional e crescimento desordenado. Já a partir dos anos 50 e 60, a velocidade das transformações urbanas e desigualdades sociais deu um salto tanto significativo quanto problemático na modernização urbana. Esse processo está diretamente relacionado com a expansão das indústrias durante o governo de Juscelino Kubitschek e as mudanças ocorridas durante o governo militar de 1964.

Para Frúgoli (1995), o Plano Urbanístico Básico do Município de São Paulo (1968) representa um ponto crucial na intervenção do Estado no plano urbano da cidade. De acordo com a arquiteta Regina M. P. Meyer, basta citar três exemplos para ilustrar as intervenções desnecessárias e predatórias deste planejamento urbano autoritário.

O primeiro exemplo é o Elevado Costa e Silva, conhecido popularmente como “Minhocão”. Inaugurado no final dos anos 60, configura-se como uma via expressa elevada que interliga a Zona Leste da cidade à Praça Marechal Deodoro. Esta obra atingiu diversos prédios, que agora contam com milhares de automóveis transitando próximos às suas janelas.

Como segundo exemplo, destaca-se a Praça Roosevelt. Projetada em cima do sistema viário Leste-Oeste a praça formou-se como um espaço inteligível para o usuário, com excesso de cimento, becos e escadas. Frúgoli (1995) apontada a falta de identificação da população com o espaço o tornou ocioso, tendo sido ocupada por skatistas e travestis. Além disso, a praça tornou-se um lugar de passagem pelos usuários do comércio do entorno.

Por último, relembra-se o impacto causado no bairro do Brás pela chegada do Metrô. O bairro de caráter popular e histórico, onde se concentrava parte das vilas operárias já mencionadas, sofreu um processo de demolição desmedido em pró da mobilidade urbana. A integração do bairro à cidade foi acompanhada, contraditoriamente, da destruição de 944 imóveis.

As construções mencionadas acima exemplificam o caráter pragmático e funcional das políticas públicas da época, com construções direcionadas à mobilidade e de afastamento da população, seja ela com a evacuação dos moradores ou com o impacto negativo em seus estilos de vida.

2.3. Espaço e Relações Sociais

O espaço urbano também caracteriza-se pela forte coexistência de diferentes grupos sociais e ocupações. Para Sodré (apud SANTOS, 1996), a relação espacial é baseada na coexistência de diversidades. Na percepção de SANTOS (1996), o uso do espaço tem de ser disputado a cada instante por diferentes sujeitos sociais, em função da força de cada qual.

Essa multiplicidade pode ser vislumbrada de forma destacada em São Paulo na Rua Augusta, que contrapõe diversas atividades e públicos no mesmo espaço. No entanto, esta diversidade é vista de forma negativa, principalmente por classes sociais mais altas, aquelas que abandonaram a região central deteriorada. Esta deterioração causada pelas pessoas e atividades exercidas, e não pelo processo urbano. O centro urbano abandonado pela elite e ocupado pelos migrantes adquire novos usos e significados, voltados principalmente à luta pela sobrevivência. Assim, os migrantes que não conseguiram se inserir no mercado de trabalho paulistano por seu baixo nível de qualificação e pela instabilidade da oferta de empregos agravam a situação urbana de São Paulo. Parte desta mão de obra excedente acaba por iniciar trabalhos informais como ambulantes e prestadores de serviços, enquanto outra parte é marginalizada.

Neste cenário, os trabalhadores informais se apropriam do espaço público como um local de trabalho. No entanto, o uso deste espaço para fins privados criam uma dicotomia e até mesmo conflitos internos entre trabalhadores, que competem por “pontos” de atuação. Já os que não se inserem no mercado de trabalho ocupam o espaço público em busca de novas oportunidades de emprego ou para evitar conflitos familiares ocasionados pelo desemprego (BARREIRA E STROH, 1984).

Levando em consideração o uso do espaço público para sobrevivência, é possível identificar os seguintes sujeitos como grupo social de ocupação cotidiana “marreteiros, ambulantes, menores de rua, engraxates, ciganos, vendedores de Bíblia, prostitutas, homens de rua, mendigos, artistas de rua, “rolistas”, batedores de carteira, trapaceiros, desempregados, plaqueiros, idosos, bêbados jogadores de tampinha, etc.” (FRÚGOLI, 1995).

Esse grupo social de ocupação cotidiana acaba por criar uma “cultura de rua” que opera por princípios informais, ou seja, esta é avessa à institucionalização e implica na apropriação privada e espaços públicos. Seus integrantes assumem regras e códigos próprios e pautam-se por certas formas de transgressão.

BEZERRA apud FRÚGLI, 1995 sintetiza a “cultura de rua” da seguinte forma.

“A rua pode ter dois sentidos: o de se constituir num abrigo para os que, sem recurso, dormem circunstancialmente sob as marquises das lojas, viadutos ou bancos de jardim ou pode constituir-se em um modo de vida, para os que já têm a rua como seu habitat e que estabelecem com ela uma completa rede de relações”.

A degradação do espaço público bem como sua ocupação por grupos sociais marginalizados agravam o abandono destes locais por grupos sociais com maior poder aquisitivo. Estes possuem uma percepção negativa das ruas, como espaço perigoso propício a crimes, faz com que a população de classe alta evite as ruas e exija o policiamento como solução para estes problemas. O aumento da aversão de pessoas de classe média e alta por estes espaços fazem com que estes frequentem outros lugares, como parques e praças em bairros elitizados, e espaços privatizados e controlados, como shopping centers.

2.4. Espaço Público × Espaço Privado

Conforme mencionado no item anterior, a elite abandona os espaços públicos da região central para ocupação de espaços privados. Também já foram mencionadas as mudanças do planejamento urbano de São Paulo ocorridas a partir da década 60. Tais mudanças priorizavam o fluxo e o transporte através de grandes avenidas e viadutos.

Na década seguinte, seguindo a tendência norte-americana, iniciou-se em São Paulo a estruturação de centros especializados de capital privado. Estruturas que antes se distribuía por espaços coletivos concentravam-se agora em espaços privados. Assim, surgem os complexos empresariais, condomínios e bairros fechados, hipermercados e shoppings centers.

Sabendo como o espaço influencia o estilo de vida de seus moradores, a concentração da classe média e alta nestes espaços privatizados influencia seu modo de vida, de forma a evitar ao máximo contato com outros grupos sociais. Para CALDEIRA (1992), a autossuficiência desses locais torna desnecessária a circulação de seus usuários por outros espaços, reforçando a segregação, discriminação e distinção de outros grupos sociais.

Santos (1996) menciona em sua obra que o uso do espaço acarreta um conflito entre comunidade e empresas privadas, sendo que estas possuem interesses e percepções distintas. A regulamentação da via pública pode harmonizar os interesses ou privilegiar uma parte. Caso a regulamentação não seja harmoniosa, o investimento público em

infraestrutura incentivará a corporatização do território, desfavorecendo problemas sociais locais.

Ao analisar especificamente o caso dos *Shoppings Centers* como estruturas de lazer, é possível identificar suas ambições como modelo ideal de sociedade. Nela, os cidadãos são consumidores não havendo vestígios de pobreza, o ambiente é limpo, bem conservado e seguro. Apesar de configurarem-se como espaços de uso público, sua diversidade é limitada.

Além de um centro comercial, os *Shoppings Centers* agregam a sua oferta equipamentos de lazer, de forma a prolongar a permanência do usuário no espaço. O *Shopping* tornou-se um novo local de convivência, principalmente para jovens.

A preferência por espaços privados por classes mais altas segrega ainda mais a população, agravando problemas sociais e marginalizando cada vez mais não somente o espaço público, bem como seus frequentadores.

3. Espaço para o Lazer

As seções anteriores deixam claro que a formação do espaço urbano, não somente em São Paulo, está fortemente ligado às atividades de trabalho e produção. Da mesma forma, foi apresentada a razão para concentração das classes mais altas em espaços privatizados para atividades de trabalho, consumo, moradia e lazer.

Tendo em vista que o presente artigo tem como intuito analisar o uso dos espaços públicos de São Paulo para atividades de lazer, cabe aqui analisar o quanto está relacionada a significação do espaço público com a função do lazer. Para tanto, torna-se necessário analisarmos o que é o lazer e qual é o seu propósito.

3.1. O que é o Lazer?

O lazer pode ser compreendido como a “oposição das obrigações e necessidades da vida cotidiana” (DUMAZEDIER, 1976). Sendo que por obrigações e necessidades são abrangidas não apenas atividades profissionais, mas também trabalhos domésticos, obrigações sociais, atividades religiosas, estudos e necessidades fisiológicas básicas.

As funções mais importantes do lazer são: descanso, divertimento, recreação e entretenimento, e desenvolvimento. Como desenvolvimento, considera-se o crescimento pessoal do indivíduo através de vivências livres e desinteressadas, utilizando fontes de informação tradicionais (rádio, TV, jornal) ou alternativas (*blogs, sites, etc.*). Este

desenvolvimento favorece novas formas de aprendizagem. Para Marx, lazer constitui “o espaço que possibilita o desenvolvimento humano”.

O lazer é uma atividade limitada por recursos e tempo. Atividades de lazer requerem dinheiro, dentro de uma hierarquia de gastos destinados ao lazer. Sendo considerada como atividade de lazer “qualquer participação ativa na vida cultural, isto é, toda atividade de criação ou de compreensão de um produto cultural, independente de sua natureza” (DUMAZEDIER, 1976).

Outros fatores que impedem ou protelam atividades de lazer são: a falta de equipamentos recreativos ou culturais coletivos, falta de recursos familiares, dificuldades criadas por obrigações profissionais.

Tendo em vista as dificuldades para o desfrute do lazer apresentadas acima, podemos analisar, na conjuntura brasileira, a relação do povo com o lazer através de algumas pesquisas realizadas. O relatório Cultura em Números (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2010) expõe a distribuição de equipamentos culturais no Brasil, bem como seu acesso pela população. Nesta pesquisa é possível vislumbrar a deficiência de equipamentos culturais no país, bem como sua pouca utilização pela população. Ainda assim, São Paulo destaca-se como um dos Estados com a maior oferta de equipamentos culturais. De forma que, apesar de mal distribuídos, opções de cultura e entretenimento são oferecidas para os paulistanos.

Por outro lado, a pesquisa realizada para a Base Global de Novos Produtos da Mintel (2013) apresentou que os brasileiros reduziram em 34% seus gastos com lazer e entretenimento e 32% com férias. Sendo que 48% aumentaram seus gastos com alimentos e 40% com roupas. A divisão dos gastos, apesar de não demonstrar de forma holística, expõe as prioridades dos brasileiros.

A fim de complementar os estudos anteriores, a pesquisa “Tempo, trabalho e afazeres domésticos: um estudo com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2001 e 2005” (IBGE, 2007) analisa a distribuição do tempo do brasileiro entre atividades profissionais, necessidades básicas, afazeres domésticos, estudo, lazer, entre outros. Neste estudo está evidenciado que grande parte do tempo do brasileiro é direcionado ao trabalho, havendo uma média de 8,02 horas utilizadas para esta atividade. Em contrapartida, passatempos e *hobbies* recebem apenas 2,17 horas diárias.

Um das conquistas trabalhistas da Revolução Industrial foi a divisão das horas dos trabalhadores em uma escala de oito por três. Assim, o movimento oito horas por dia

previa 8 horas de trabalho, 8 horas de descanso e 8 horas de “o que quisermos”. No entanto, estas últimas 8 horas não poderiam ser utilizadas de fato para o que os trabalhadores desejavam, uma vez que possuíam outras obrigações fisiológicas, sociais e familiares para cumprir. A figura 1 ilustra a ideia proposta naquele período.

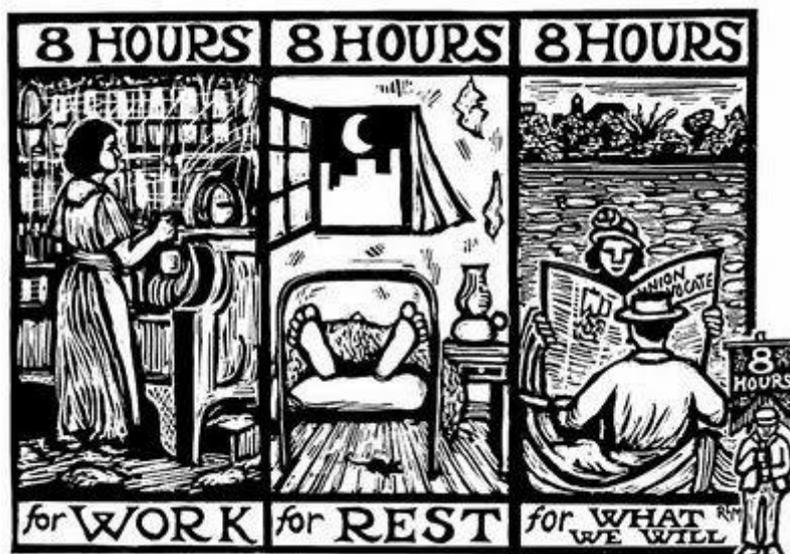


Figura 1: Ilustração da distribuição das 8 horas por dia.

Fonte: Quora.com

3.2. Trabalho e Lazer

Com base nos dados apresentados no item anterior é possível perceber a relação entre lazer e trabalho, não apenas como atividades opostas, mas também como concorrentes. Entretanto, a relação entre essas duas atividades vai além das já apresentadas. A ascensão da burguesia e a disseminação de seus valores quanto ao ócio e ao trabalho colocou em decadência a ociosidade do homem, considerada em tempos antigos como uma virtude. Isto ocorre porque o ócio vai de encontro com os valores capitalistas de não valorização do trabalho, produção e consumo.

Ainda assim, a necessidade de lazer cresceu junto com o processo de urbanização e industrialização. O crescimento tecnológico e científico representa, para o período pós Revolução Industrial, um progresso para os trabalhadores, uma vez que permitia a diminuição de suas cargas horárias. A diminuição da jornada de trabalho permitiria, teoricamente, aos trabalhadores o aumento de suas horas de lazer. Levando esta linha de pensamento em consideração, podemos assumir que o lazer representa o progresso técnico de uma sociedade. Dumazedier acreditava que o aumento do número de horas para atividades sem compromisso daria entrada a Era do Lazer.

Na história das lutas trabalhistas, as reivindicações por lazer começam a ser feitas apenas a partir do século XIX. Marx (*apud* Dumazedier, 1976) acreditava que a redução do tempo de trabalho ajudaria no surgimento de oportunidades de cultura por meio de lazeres e outras atividades sem compromisso.

Ao contrário do que alguns estudiosos pensam, Dumazedier (1976) acredita que o lazer é um fator determinante que atua sobre o trabalho, e não um fenômeno complementar ou compensatório. Ou seja, o lazer influencia a forma como as pessoas trabalham, agindo de forma ativa nesta relação.

Percebendo esta influência, empresas modernas tem humanizado sua forma de funcionamento, tornando suas relações sociais mais fraternas, medindo o valor de seus funcionários não apenas pelo rendimento material, mas também por troca espontânea. Ou seja, o trabalhador deixa de ser apenas um subordinado e passa a se tornar um colaborador, “vestindo a camisa da empresa”.

A partir desta nova abordagem, as empresas tem tomado para si a responsabilidade de lazer de seus funcionários. Estas são representadas em colônias de férias, festas da empresa (Natal, Confraternização de Fim de Ano, etc.), esportes ao ar livre, bibliotecas, entre outros.

Desta forma, conforme mencionado anteriormente, o lazer passa a coexistir com o trabalho e influenciar a adaptação do homem a este. O lazer deixa de ser um privilégio e passa a ser uma necessidade fundamental do homem. No entanto, o lazer somente contribuirá para humanização do trabalho a medida que favorecer o desenvolvimento de uma cultura social e contribuir para o equilíbrio da vida do trabalhador.

Em pesquisa realizada pelo Hay Group com 620 mil profissionais de 80 empresas constatou que em 2012 36% dos brasileiros entrevistados afirmaram não conseguir equilibrar a vida profissional com a pessoal. A porcentagem ainda é menor que a média mundial (39%), contudo, o valor cresceu 6% para os brasileiros em comparação com o ano anterior (30%).

4. Movimentos em São Paulo

Uma vez contextualizada a formação urbana de São Paulo e conceituado a temática do lazer, poderemos analisar a situação atual da cidade. O desenvolvimento desumano da cidade, de forma a tornar o ambiente eficiente e funcional não ocorreu apenas em São Paulo. HARVEY (1999) identificou o mesmo processo em outras cidades do

mundo, e analisou sua consequência na população. A construção artificial do ambiente criou um problema de identidade dos habitantes com o espaço.

Para tanto, foi aqui ilustrado sua reação pela busca de espaços privados para funções básicas, sendo que um dos motivos pelo enclausuramento dessas pessoas nesses espaços foi o sentimento de medo e insegurança.

A falta de identificação do homem com o meio, a quebra do senso de coletividade, o crescimento do sentimento insegurança e desconfiança entre as pessoas suscitaram o desenvolvimento de uma condição clínica chamada *agorafobia*, na qual a pessoa desenvolve o medo por áreas abertas e sem vigilância. LOURES (2005) especifica que o termo “*agorafobia*” aparece nas cidades através dos impulsos de confinamento, do fechamento dos espaços públicos e é reflexo da intensificação das incertezas do homem perante o mundo. Fragilizado, o homem prefere optar por um lugar supostamente seguro e vigiado, longe de estranhos, causadores da desordem.

A *agorafobia* completa o ciclo de percepção do espaço público pela população, até o momento. Retomando os conceitos abordados vimos que o espaço público desenvolveu-se principalmente de forma funcional priorizando o trabalho, este espaço acaba sendo ocupado por populações de classe mais baixa e marginalizadas com fins de sobrevivência, por este motivo os moradores de classe mais alta desenvolvem o sentimento de insegurança e firmam suas atividades em espaços privados. A partir deste ciclo temos que nem as classes mais baixas nem as mais altas utilizam estes espaços públicos para o lazer, sendo esta uma atividade complementar e impactante na dinâmica do trabalho.

No entanto, os últimos anos tem mostrado uma quebra neste paradigma, no qual jovens têm criado novas formas de utilização do espaço público, sendo uma das principais alternativas atividades de lazer. Estas iniciativas têm partido principalmente de jovens, que têm se organizado de forma coletiva para planejar e organizar essas ações, sejam elas eventos, intervenções artísticas ou criação de espaços de convivência.

Na seção 2.2 foram citados três exemplos de como o Plano Urbanístico Básico de São Paulo de 1968 havia criado estruturas que impactaram negativamente a qualidade de vida dos moradores. Para exemplificar iniciativas de movimentos sociais de apropriação da cidade, serão utilizadas como referência ações aplicadas na Praça Roosevelt e no Elevado Costa e Silva ou “Minhocão”, como já citados anteriormente.

4.1. Existe Amor em São Paulo

Em resposta à música do compositor brasileiro Criolo, surge o coletivo “Existe Amor em SP”. O grupo surge com o intuito de humanizar a cidade de São Paulo tornando-a mais justa, amável e acolhedora. Em meio ao *stress* e cansaço tão comuns ao paulistano, o movimento sugere a solidariedade e respeito. O Existe Amor em SP acredita que as relações sociais podem ser alteradas através de uma nova relação estabelecida entre o homem e natureza, seja esta por meio de movimentos artísticos, políticos ou sociais. Contudo, estes devem todos acontecer no espaço público.

Para colocar em prática os valores mencionados acima foi organizado o Festival Existe Amor em SP em protesto a uma São Paulo cada vez mais “agressiva, repressiva, individualista, proibida e militarizada”. O evento aconteceu em outubro de 2012 na Praça Roosevelt e contou com a participação de artistas como Emicida, Gabi Amarantos, Criolo e Karina Burh. Sua realização foi viabilizada por meio de financiamento coletivo por meio do *site* Catarse (Revista Fórum, 2012). A entrada no evento foi gratuita e estima-se que participaram cerca de 20 mil pessoas, sendo que estas vestiram a cor rosa como forma de protesto pelas brutalidades enfrentadas.

O Festival ocorreu sem grandes problemas de violência, assalto e confusões, demonstrando que é possível ocupar o espaço público urbano com uma multidão de forma harmônica e organizada.

Além disso, retomando a contextualização da Praça Roosevelt da seção 2.2, foi quebrado o paradigma de não apropriação do espaço pela população. Uma vez que a população tomou a ação para ocupação do espaço público e esta dá uma nova significação para o ambiente, ele começa a se transformar. A figura 2 ilustra dois momentos da Praça Roosevelt antes e depois da ocupação para o lazer.



Figura 2: Praça Roosevelt sem uso (esquerda) e Praça Roosevelt ocupada com o Festival Existe Amor em SP (direita).

Fonte: Wikipédia e Revista Fórum

4.2. Buraco da Minhoca

O túnel que interliga a Rua Augusta com o Minhocão recebeu um novo nome e uso. Conhecido agora como o Buraco da Minhoca, o túnel tem sido palco para festas noturnas, período em que o túnel fica fechado para passagem de carros. De acordo com os organizadores da festa este nome foi dado com base no termo científico de passagem pelo tempo-espaço, sendo que na concepção deles representa “uma passagem para outra dimensão de utilização consciente do espaço público”.

A primeira edição da festa nasceu ao acaso no aniversário de São Paulo de 2014 (25 de janeiro). De acordo com um dos idealizadores:

"A primeira festa aconteceu por acaso. Eu já caminhava há mais de um ano pela cidade carregando uma caixa amplificadora presa ao corpo, e comecei a discotecar nos eventos da galera do Organismo Vivo Parque Augusta. No dia 25 rolou o primeiro protesto 'Não Vai Ter Copa', e o coletivo decidiu ir para a Paulista. No fim, rolou um confronto com a PM e descemos para a Roosevelt. Soltamos um som e começou a chegar gente, e umas 22h a GCM avisou que a festa precisaria acabar. Daí que falei pro pessoal para descermos para o túnel. O povo foi aglomerando e assim nasceu a festa. Cheguei em casa, batizei como Buraco da Minhoca, criei a página no Facebook e tivemos mais cinco eventos espontâneos." (O Esquema, 2014)



Figura 3: Festa Buraco da Minhoca

Fonte: Catraca Livre

Desde março de 2014 o evento foi regularizado pela Prefeitura Municipal, Companhia de Engenharia do Tráfego, Guarda Civil Metropolitana e Secretaria de Segurança Pública.

5. Considerações Finais

Nas seções anteriores foi iniciada uma contextualização da formação urbana da cidade de São Paulo para debater uso e ocupação de espaços públicos para fins de lazer. Da mesma forma foi contextualizada o conceito de lazer a fim de relacioná-la com tema.

Conforme foi apresentado anteriormente, a marginalização de áreas públicas por classes mais altas e sua ocupação por grupos sociais de classes mais baixas com atividades relacionadas à sobrevivência influencia diretamente em dois tipos de relação: a de classes mais altas com espaços públicos, os quais considera não seguros devido ao seu público frequentador; e o de classes baixas com o mesmo espaço, que apesar de ocupá-lo, utiliza-o para fins de trabalho. Desta forma, tanto classes mais altas quanto mais baixas não utilizam o espaço público com fins de lazer.

No entanto, a repressão, a limitação e os abusos das políticas públicas com relação ao espaço criaram no paulistano um sentimento de sufocamento. Como consequência, diversas iniciativas coletivas tem tomado o espaço público com ações e objetivos variados, sejam eles políticos, artísticos e sociais. Os movimentos pontuados nas páginas anteriores são caracterizados principalmente como iniciativas de caráter social e cultural de jovens da classe média e alta.

Estes movimentos representam a necessidade e alternativas da população paulistana de conexão e construção de um novo significado para o espaço público. Para tanto, estes jovens utilizam a cultura como ferramenta de apropriação do espaço e criação de uma nova identidade. No caso da Praça Roosevelt, que foi abandonada não somente pela comunidade mas também pela administração pública, a ocupação da praça funcionou com uma forma de revitalização estrutural e de trato pela população. A partir de então, a Praça Roosevelt conseguiu finalmente alcançar seu real propósito, tornando-se um espaço de lazer, cultura e encontros para os moradores de São Paulo.

O debate sobre o uso de espaços públicos, apropriação pela população e espaços de lazer está ainda em crescimento, sendo estes temas amplos, orgânicos e em movimento. Sendo esta discussão tão atual e em voga, cabe à academia incentivar a reflexão e o aprofundamento destas temáticas.

6. Referências Bibliográficas

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

FRÚGOLI JUNIOR, Heitor. **São Paulo: espaços públicos e interações sociais**. São Paulo: Marco Zero, 1995.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

WILLIAMS, R. J. **Espaço público e cultura pública: teoria prática e problemas**. In: COELHO, T. (Org.). **A Cultura pela cidade**. São Paulo: Iluminuras, 2008, p. 33-47.

A balada que é a cara de São Paulo hoje acaba de ser legalizada. Disponível em: <<http://www.oesquema.com.br/bateestaca/2014/03/17/a-balada-que-e-a-cara-de-sao-paulo-que-acaba-de-ser-legalizada/>>, Acesso em 20 de junho de 2014.

Brasileiros gastam menos com lazer e mais com comida e roupa, diz pesquisa. Disponível em: < <http://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2014/05/21/brasileiros-gastam-menos-com-lazer-e-mais-com-comida-e-roupa-diz-pesquisa.htm>> Acesso em 20 de junho de 2014.

Buraco da Minhoca. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/Buraco-da-minhoca>> Acesso em 20 de junho de 2014.

Catraca Livre – Buraco da Minhoca. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/sp/muito-mais-sao-paulo/indicacao/buraco-da-minhoca-tunel-embaixo-da-praca-roosevelt-ganha-festa-em-madrugadas/>> Acesso em 20 de junho de 2014.

Como o brasileiro usa o seu tempo. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/infograficos/pesquisa-uso-do-tempo/>> Acesso em 20 de junho de 2014.

Existe Amor em SP. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ExisteAmorEmSp>>. Acesso em 20 de junho de 2014.

Festival Existe Amor em SP foi uma catarse coletiva pela liberdade da cidade. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/blogdorovai/2012/10/22/festival-existe-amor-em-sp-foi-uma-catarse-coletiva-pela-liberdade-da-cidade/>> Acesso em 20 de junho de 2014.

Future of Work: How did the 40-hour work week evolve and is it best suited to the modern world? Disponível em: <<http://www.quora.com/Future-of-Work/How-did-the-40-hour-work-week-evolve-and-is-it-best-suited-to-the-modern-world>> Acesso em 20 de junho de 2014.

No Brasil, 36% não conseguem equilíbrio entre trabalho e lazer. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/carreira/3088802/no-brasil-36-nao-conseguem-equilibrio-entre-trabalho-e-lazer>>. Acesso em 20 de junho de 2014.

Wikipédia: Praça Roosevelt. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pra%C3%A7a_Roosevelt> Acesso em 20 de junho de 2014.